

Crítica Textual do Corpus Hermeticum 4.3-6A: Análise da Variante ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός

David Pessoa de Lira¹

Resumo:

O presente artigo objetiva decodificar os dados específicos da crítica textual do aparato do *Corpus Hermeticum* apresentado por Nock e Festugière (2011), verificando a atestação de *lectiones* dos manuscritos. Ademais, busca-se discorrer sobre o problema da crítica textual a respeito da *lectio* ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός que incide no texto *Corp. Herm.* 4.3-6a como proposto por N.-F., a fim de compreender as razões que conduziram Nock a optar por essa *lectio* em detrimento de outra(s), caracterizando a unidade de sentido.

Palavras-chave:

Corpus Hermeticum; Crítica textual; Manuscritologia; Tradução; Literatura clássica.

Abstract:

This article aims to decode the specific data of textual criticism of the apparatus of the *Corpus Hermeticum* presented by Nock e Festugière (2011), checking the *lectio* attestation of the manuscripts. Moreover, one seeks to discern the problem of textual criticism regarding the *lectio* ἐβαπτίσαντο τοῦ itself, which occurs in the text *Corp. Herm.* 4.3-6a as proposed by N.F., in order to understand the reasons that led Nock to opt for this *lectio* instead of another, characterizing the unit of meaning.

Keywords:

Corpus Hermeticum; Textual criticism; Manuscritology; Translation; Classical literature.

1. Professor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) na área de língua e literatura latinas. E-mail: david.plira@ufpe.br

1 Introdução

3 τὸν μὲν οὐν λόγον, ὦ Τάτ, ἐν πᾶσι τοῖς ἀνθρώποις ἐμέρισε, τὸν δὲ νοῦν οὐκέτι, οὐ φθονῶν τισιν· ὁ γὰρ φθόνος οὐκ ἔνθεν ἔρχεται, κάτω δὲ συνίσταται ταῖς τὸν νοῦν μὴ ἔχόντων ἀνθρώπων ψυχαῖς. – Διὰ τί οὖν, ὦ πάτερ, οὐ πᾶσιν ἐμέρισε τὸν νοῦν ὁ θεός; – Ἥθελθεν, ὦ τέκνον, τοῦτον ἐν μέσῳ ταῖς ψυχαῖς ὥσπερ ἄθλον ἰδρῦσθαι. 4 – Καὶ ποῦ αὐτὸν ἰδρῦσατο; – Κρατῆρα μέγαν πληρώσας τούτου κατέπεμψε, δοῦς κήρυκα, καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε· βάπτισον σεαυτὴν ἢ δυναμένη εἰς τοῦτον τὸν κρατῆρα, ἢ πιστεύουσα ὅτι ἀνελεύση πρὸς τὸν καταπέμψαντα τὸν κρατῆρα, ἢ γνωρίζουσα ἐπὶ τί γέγονας, ὅσοι μὲν οὖν συνῆκαν τοῦ κηρύγματος καὶ ἐβάπτισαντο τοῦ νοός, οὗτοι μετέσχον τῆς γνώσεως καὶ τέλειοι ἐγένοντο ἄνθρωποι, τὸν νοῦν δεξάμενοι· ὅσοι δὲ ἤμαρτον τοῦ κηρύγματος, οὗτοι μὲν οἱ λογικοί, τὸν νοῦν μὴ προσειληφότες, ἀγνοοῦντες ἐπὶ τί γέγονασιν καὶ ὑπὸ τίνων, 5 αἱ δὲ αἰσθήσεις τούτων ταῖς τῶν ἀλόγων ζῴων παραπλήσιαι, καὶ ἐν θυμῷ καὶ ὀργῇ τὴν κρᾶσιν ἔχοντες, οὐ θαυμάζοντες [οὐ] τὰ θέας ἄξια, ταῖς δὲ τῶν σωματικῶν ἡδοναῖς καὶ ὀρέξεσι προσέχοντες, καὶ διὰ ταῦτα τὸν ἄνθρωπον γεγονέναι πιστεύοντες. ὅσοι δὲ τῆς ἀπὸ τοῦ θεοῦ δωρεᾶς μετέσχον, οὗτοι, ὦ Τάτ, κατὰ σύγκρισιν τῶν ἔργων ἀθάνατοι ἀντὶ θνητῶν εἰσι, πάντα ἐμπεριλαβόντες τῷ ἑαυτῶν νοί, τὰ ἐπὶ γῆς, τὰ ἐν οὐρανῷ, καὶ εἴ τί ἐστιν ὑπὲρ οὐρανόν· τοσοῦτον ἑαυτοὺς ὑψώσαντες, εἶδον τὸ ἀγαθόν καὶ ἰδόντες συμφορὰν ἠγήσαντο τὴν ἐνθάδε διατριβὴν· καταφρονήσαντες πάντων τῶν σωματικῶν καὶ ἀσωμάτων ἐπὶ τὸ ἐν καὶ μόνον σπεύδουσιν. 6 αὕτη, ὦ Τάτ, ἢ τοῦ νοῦ ἐστὶν ἐπιστήμη, τῶν θείων †έντορία†, καὶ ἢ τοῦ θεοῦ κατανόησις, θείου ὄντος τοῦ κρατῆρος (HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 1, p. 50-51).²

Os métodos filológicos empregam a interpretação de documentos escritos a partir do conhecimento sobre a língua e a cultura, reconstruindo o suposto original e estabelecendo uma edição crítica que serve como objeto de tradução (MIRANDA POZA, 2019, p. 59).

Uma vez que dezessete tratados herméticos foram coligidos em um *corpus*, conhecido hodiernamente como *Corpus Hermeticum* (*Corp. Herm.*), esse passou a ser copiado subsequentemente no decorrer do tempo. Assim, foram conservados não só dentro de uma coletânea, mas

2. *Corp. Herm.* 4.3-6a 3 Assim, ὁ Τάτ, [ele] repartiu a razão entre todos os homens, mas não a intuição; não menosprezando alguns; pois o menosprezo não vem de lá, mas é constituído aqui embaixo pelas almas dos que não têm intuição. – Por que, então, ὁ πατήρ, Deus não repartiu a intuição entre todos? – Quis, ὁ υἱός, colocar isso como prêmio no meio para as almas. 4 E onde o colocou? – Tendo enchido uma grande cratera disso, enviou; designando um arauto, também lhe ordenou apregoar aos corações dos homens estas coisas: mergulha-te a ti mesmo nessa cratera, tu que podes, tu que crês que subirás para o que tem enviado o vaso de mistura, tu que conheces por que vieste a ser.

Assim, aqueles que ouviram a pregação e embeberam-se de intuição, esses participaram da gnose e, tendo recebido a intuição, vieram a ser homens perfeitos; mas aqueles que se desviaram da pregação, esses são os lógicos, que não tomaram em acréscimo a intuição, que desconhecem por que e por quem vieram a existir; 5 mas as sensações desses são semelhantes às dos viventes irracionais: irascivelmente e cupidamente possuindo o temperamento, não admirando as coisas dignas de contemplação, mas obedecendo aos prazeres e aos deleites dos corpos, e acreditando que o homem vem a existir por causa dessas coisas. Aqueles que, porém, participaram do dom de Deus, esses, ὁ Τάτ, em comparação às obras, são imortais em vez de mortais, tendo incluído na sua própria intuição todas as coisas, as da terra, as do céu, e se algo existir acima do céu; porém, tendo elevado a si mesmos de tal modo, viram o Bem, e tendo visto, consideraram uma infelicidade o atraso aqui; tendo desdenhado de todas as coisas corpóreas e incorpóreas, também se dedicam ao Uno. 6 Isso, ὁ Τάτ, é a ciência da intuição: †abundância† das coisas divinas, e é o aprendizado sobre Deus, já que divina é a cratera (tradução própria).



também foram reproduzidos como parte da coleção como um todo. No decorrer do tempo, é bem verdade, textos antigos sofriam algum tipo de alteração, acréscimo, supressão, mas também as deformações que sobrevieram sobre o texto tido como original. Da mesma forma, os textos constantemente copiados tendiam a sofrer vicissitudes. Quanto mais o texto antigo era copiado mais ele se afastava do seu suposto original. À medida que um texto era compilado, a tendência era se tornar cada vez mais desconexo para um determinado leitor em um contexto distante do ponto de vista local e temporal de sua origem. Para que o escrito tivesse algum tipo de utilidade ou de funcionalidade em um contexto distante, seria necessário que ele tivesse algum tipo de sentido. Nesse novo ambiente, o texto passou por uma adaptação (alteração). Essa adaptação era constituída de acréscimos, comentários, anotações, cortes (ROSSETTI, 2006, p. 96-97; MIRANDA POZA, 2019, p. 54-56). Em todo caso, com o passar do tempo, os tratados herméticos, nesse *corpus*, se submeteram a alterações, acréscimos, supressões (*corruptio*), deformações e vicissitudes de todas as formas. Quanto mais o texto era copiado mais ele se afastava da sua configuração textual original. Assim, os lapsos mais comuns nas cópias do texto do *Corp. Herm.* são provenientes dos compiladores (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXI-XXII).

Destarte, o *Corp. Herm.*, como qualquer texto antigo, submeteu-se a ajustamentos manuscritísticos pelos copistas no percurso da transmissão. Esse fato é corroborado pela constatação, ao cotejar as várias cópias, de reparos, estilizações, erros de interpretação e pelas tentativas de harmonizações com textos também incidentes nos *Hermetica Excerpta* de Estobeu. Os próprios copistas bizantinos conduziram as cópias do *Corp. Herm.* a um processo de remoção de impureza (depução) segundo a ortodoxia cristã em seu ambiente. Apesar disso, em comparação com os fragmentos, excertos e traduções já existentes, percebe-se que esses ajustamentos não foram excessivos. Deve-se salientar que os procedimentos de cópias não são os mesmos entre os compiladores (VAN DEN BROEK, 2006, p. 489; COPENHAVER, 2000, p. xl-xlvi; FOWDEN, 1993, p. 9).

Os lapsos particulares presentes nas cópias do texto do *Corp. Herm.*, na maioria dos casos, são resultados dos procedimentos dos compiladores (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXI-XXII). Em todo caso, assim como ocorre em cópias de textos antigos, as alterações causadas no texto do *Corp. Herm.* podem ser tanto por lapsos voluntários (erros de interpretação) como involuntários. Os lapsos voluntários são, em geral, causados por *erros de interpretação*. Na transcrição ou compilação de um determinado texto, o copista poderia ter julgado arbitrariamente que seu autor ou um copista anterior tenha supostamente errado em uma frase (ou várias frases). A partir disso, ele procede conscientemente a uma correção. Por causa desses erros de interpretação, procedendo conscientemente a uma correção, geralmente busca-se a inteligibilidade e harmonização do texto (*lectio facillior*), por meio de interpolação textual ou notificação marginal. A justificativa para os lapsos voluntários geralmente está associada à informação prévia que o copista possuía a respeito do que ele está compilando e também por causa da autorização atribuída a si mesmo para corrigir.³

Por exemplo, os manuscritos *NB^c*,⁴ com referência ao *Corp. Herm.* 4.3-6a, sugerem essa leitura *ἐβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* (“batizaram-se na cratera de intelecto”), ao passo que todos os outros manuscritos dão essa leitura: *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* (“embriagaram-se de intelecto”). Sendo

3. Sobre erros de interpretação, escólio, glosas e interpolação. (ROSSETTI, 2006, p. 104, p. 363, p. 364, p. 369, p. 374).

4. Manuscrito *Neapolitanus* II c 32 e a primeira correção posterior do manuscrito *Parisinus Graecus* 1220.



assim, presume-se que aqueles dois manuscritos procederam deliberadamente a uma correção, introduzindo *τῷ κρατήρι*, com a finalidade de suprir a dificuldade do genitivo partitivo de *τοῦ νοός*. Ademais, o seu acréscimo pressupõe que sua motivação era de ajustar a frase ao sentido cristão (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXII).

Segundo John Horman, o grau de *corruptio*, no texto do tratado 4 do *Corp. Herm.*, é moderado. Se for comparado aos textos de outros tratados do *corpus*, pode-se dizer que o do tratado 4 se encontra em boas condições. Das três grandes omissões que incidem nele, duas são resultado de uma *haplografia* por *homoteleuton* (mesmo final). Ou seja, houve a omissão de palavras, porque duas linhas apresentam o mesmo final. Uma terceira omissão aconteceu por causa da mutilação do manuscrito. No processo de transmissão, existem algumas substituições descuidadas por causa da similaridade de duas ou mais palavras. No entanto, não há lapsos que possam ter interferido na tradição textual do *Corp. Herm.* 4 de forma geral (HORMAN, 1973, p. 48-49). Em todo caso, isso não significa que, nos vários manuscritos, não existam leituras (*lectiones*) diferentes ou que não existam leituras carregadas de intenções interpretativas e doutrinárias, ou mesmo correções pelos compiladores. A perícopes do *Corp. Herm.* 4.3-6a possui várias questões no que diz respeito à crítica textual.⁵ A edição crítica do *Corp. Herm.* de Nock e Festugière (2011) – que se abrevia aqui N.-F. – tem prestado conta dessas questões no aparato crítico.

O texto grego do *Corpus Hermeticum* de N.-F. constitui a edição crítica padrão, ganhando, assim, notoriedade e credibilidade por ser cuidadosamente conservado de acordo com os manuscritos e sem apresentar conjecturas desnecessárias, e por ser de grande relevância no campo histórico-filológico (SCHIAVONE, 2006, p. 5, 30-31; VAN DEN BROEK, 2006, p. 488; DODD, 2005 [1970], nota 3, p. 11-12; SOULEN, 1981, p. 86; GRANT, 2005, p. 6643). Por essa razão, o texto de N.-F. se tornou básico para o trabalho científico do *Corp. Herm.*

Realizar uma crítica textual total dos tratados do *Corp. Herm.* pode se converter em repetição, uma vez que o texto crítico do *Corp. Herm.* estabelecido por N.-F. já é resultado de um denso trabalho de crítica textual internacionalmente reconhecido por causa do seu teor científico. Segundo William Grese (1979), a intenção não é fazer uma nova crítica textual do *Corp. Herm.*, mas reunir as informações apresentadas no texto preparado por Arthur Darby Nock (2011) e decodificar seus dados de leitura no aparato. Contudo, as conclusões e as leituras propostas por Nock não podem ser consideradas como incontestáveis. Elas também estão sujeitas a ponderações e avaliações.⁶

O presente artigo objetiva a) Decodificar os dados específicos da crítica textual do aparato apresentado por N.-F., verificando a atestação de *lectiones* dos manuscritos. b) Discorrer sobre o problema da crítica textual a respeito da *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* que incide no texto proposto por N.-F., a fim de compreender as razões que conduziram Nock a optar pela *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*.

5. Sobre o objeto, objetivo, tarefa e os critérios da crítica textual, ver (ROSSETTI, 2006, p. 95-150; SILVA, 2011, p. 106-109).

6. Grese está se referindo a não fazer uma nova crítica textual do *Corp. Herm.* 13, o qual constitui objeto de sua pesquisa. No entanto, ele mesmo faz alterações ao texto de N.-F., basendo-se nas variantes e *emendationes* que foram citadas por Nock no aparato. (GRESE, 1979, p. 1).



2 O Corp. Herm. 4.3-6a e o apparatus criticus em N.-F.

A priori, é importante entender a configuração do texto crítico do *Corp. Herm.* 4.3-6a em N.-F. Nesta edição, não se utiliza símbolos especiais no texto propriamente para remeter aos dados no aparato, exceto colchetes agudo e quadrado, e *crux desperationis*.⁷ A indicação de linhas é apresentada sempre à margem direita. A entrada no aparato é dada pelo número da linha e não dos parágrafos em que se encontram os problemas de variantes e conjecturas.

É importante observar que é parte do procedimento filológico dos textos críticos, a apresentação de uma justificativa, por parte do editor, no *apparatus criticus* (no pé da página), as razões que o levaram a efetuar suas escolhas por certas *lectiones* (variantes) dentre várias outras e fortuitamente dentre várias sugestões disponíveis de *emendationes*. Essa justificativa consiste em prestar contas, de maneira sintética, sóbria e clara, dos dados referentes às variantes (*lectiones*) dignas de nota, incidentes em vários manuscritos, e relativas às conjecturas mais significativas (*conjecturae, emendationes*), sendo suas considerações, quase sempre, escritas em latim.

Geralmente as edições críticas adotam uma gama de siglas, abreviaturas e signos no aparato crítico. Estas orientações são colocadas em uma lista de abreviaturas que se posiciona antes mesmo do texto crítico. Na primeira página da introdução da edição crítica de N.-F., há uma lista de manuscritos, com sigla, nome, data e conteúdo. Antes do texto crítico propriamente dito, há um *index siglorum* de edições anteriores do *Corpus Hermeticum*, bem como de autores que fazem citações diretas e conjecturas do *Corpus Hermeticum*.⁸ O objetivo primeiro, aqui, é decodificar os dados da crítica textual que compõem o aparato como apresentado pela edição crítica de A. D. Nock e A.-J. Festugière, verificando a atestação de variantes nos manuscritos.

Quando uma leitura proposta por N.-F. é atestada pelos manuscritos *ABCM*, o aparato crítico apenas indica a leitura divergente de um manuscrito (ou mais manuscritos), subentendendo que este apresenta uma leitura variante em relação a *ABCM*.⁹ Quando a leitura de N.-F. não é atestada por esses manuscritos (*ABCM*) ou há variações entre eles, as *lectiones* serão apresentadas ao lado dos respectivos testemunhos.

Em relação à linha 14 (na edição de N.-F.), o aparelho crítico apresenta o dado de que o manuscrito *N* e a primeira correção posterior do manuscrito *B* (*B^c*) atestam a *lectio έβαπτίσαντο τῷ κρατήρι τοῦ νοός* (batizaram-se na cratera do conhecimento), inserindo *τῷ κρατήρι* entre *έβαπτίσαντο* e *τοῦ νοός*.¹⁰ A leitura proposta pelo texto de N.-F. é *έβαπτίσαντο τοῦ νοός* (*embeberam-se do conhecimento*). Os manuscritos que servem de base para o N.-F. são *ABCM*. Nock acata a *lectio* atestada por esses manuscritos, os quais omitem *τῷ κρατήρι*. A omissão de *τῷ κρατήρι*

7. Sobre estes símbolos, ver (ROSSETTI, 2006, p. 105-106).

8. Essa lista de manuscritos geralmente é chamada de *conspectus siglorum* ou *signorum* (ou *index siglorum* ou *signorum*) – quadro de abreviaturas, siglas e signos que são utilizados no *apparatus criticus*. (ROSSETTI, 2006, p. 109, p. 352). (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XI-XII, LIV).

9. Manuscritos *Laurentianus* 71, 33; *Parisinus Graecus* 1220; *Vaticanus Graecus* 237; *Vaticanus Graecus* 951. Horman afirma que os manuscritos *ABCM* são úteis para o estabelecimento do texto do *Corpus Hermeticum* de N.-F. HORMAN, 1973, p. 6.

10. HERMÈS TRISMÉGISTE, 2011, t. 1, p. 50-51; O *apparatus criticus* é a expressão latina para o aparelho ou aparato crítico. (ROSSETTI, 2006, p. 109-110, p. 344).



torna a leitura mais breve e mais difícil (*lectio brevior, lectio difficilior*) por causa da junção do verbo *ἐβαπτίσαντο* com o genitivo partitivo *τοῦ νοός*¹¹

O problema da *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* necessita de mais atenção. Dessas *lectiones* devidamente informadas no aparato e configuradas no texto de N.-F. escolher-se-á *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*, para proceder a uma avaliação. Essa avaliação tem o propósito de verificar se de fato a leitura sugerida por N.-F. diante das variantes é bem atestada (ou não) segundo o critério de evidências internas e externas.

Sendo assim, faz-se necessário discorrer sobre o problema da crítica textual a respeito da *lectio* no texto do *Corp. Herm.* 4.3-6a. Por pressuposto, deve-se avaliar a qualidade, quantidade e idade dos manuscritos que atestam (ou não) as *lectiones κηρύξαι* e *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*; determinar, por meio de extensão ou dificuldade das *lectiones*, qual delas figura a variante mais antiga e apresenta uma tendência a uma leitura original. Por último, importa ponderar sobre os resultados dessas avaliações e propor a leitura que melhor configura o texto do *Corp. Herm.* 4.3-6a com a finalidade de garantir o aporte de tradução para a língua portuguesa. Sendo assim, proceder-se-á à avaliação das *lectiones κηρύξαι* e *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*.

3 A *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* – Avaliação de variantes segundo os critérios externos e internos

A avaliação de variantes segue dois passos importantes, a saber, o analítico (ou formal) e o interpretativo (ou de conteúdo). Cada um dos passos compreende alguns critérios importantes da crítica textual. Os critérios ou princípios externos constituem o passo analítico (ou formal); e o passo interpretativo (ou de conteúdo) é constituído pelos critérios ou princípios internos.¹² Esses critérios dão suporte às evidências externas e internas a favor ou contra uma determinada leitura. Faz-se necessário empregar esses critérios para a avaliação das *lectiones κηρύξαι* e *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*.

Foi mencionado acima que, no aparato crítico de N.-F., em relação à *linha 14*, o manuscrito *N* e a primeira correção posterior do manuscrito *B* (*B^c*) atestam a *lectio ἐβαπτίσαντο τῷ κρατήρι τοῦ νοός* (*batizaram-se na cratera do conhecimento*), inserindo *τῷ κρατήρι* entre *ἐβαπτίσαντο* e *τοῦ νοός*. Os manuscritos *ABCM* testemunham a leitura *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* (*embeberam-se do conhecimento*). O texto de N.-F. se apoia nessa leitura (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXII).

11. Manuscrito *Neapolitanus* II c 32 e a primeira correção posterior do manuscrito *Parisinus Graecus* 1220. A edição de Walter Scott não faz nenhuma menção à variante de *NB^c* e segue a mesma leitura de *ABCM* (HERMETICA, 1985, v. 1, p. 150). Quanto às duas *lectiones*. (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXII).

12. Sobre os critérios de avaliação e prática da crítica textual, ver (SILVA, 2011, p. 108).



3.1 Passos analítico ou formal (evidência externa):

- a. *Lectio plurium codicum potior*: No que diz respeito à quantidade, a *lectio έβαπτίσαντο τοῦ νοός* é mais testemunhada (pelos manuscritos *ABCM*) do que *έβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* (pelos manuscritos *NB^c*). Em termos de quantidade, a *lectio έβαπτίσαντο τοῦ νοός* é sugerida pela maioria dos manuscritos contra a minoria *NB^c*, que atestam o acréscimo *τῷ κρατῆρι*.
- b. *Lectio antiquior potior*: Em relação à idade, o número de manuscritos antigos que atestam *έβαπτίσαντο τοῦ νοός* é maior. Segundo a avaliação dos critérios externos, deve-se ter a preferência por manuscritos considerados mais antigos. *N* é antigo, mas é mais novo, por exemplo, do que *ACM*, que fazem parte daqueles que apresentam a leitura *έβαπτίσαντο τοῦ νοός*.

A *lectio έβαπτίσαντο τοῦ νοός*: *A* (séc. XIV), *B* (séc. XIV), *C* (séc. XIV), *M* (séc. XIV).

A *lectio έβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός*: *N* (séc. XIV – XV).

Lectio melioris codicis potior: Em relação à qualidade, os manuscritos que atestam *έβαπτίσαντο τοῦ νοός* são os melhores, principalmente *ACM* (ou melhor, *MAC*). Em geral, para se estabelecer o texto do *Corpus Hermeticum*, faz-se uso dos manuscritos *ABCM*. Dentre esses, *ACM* devem prevalecer sobre quaisquer manuscritos, incluindo *NB^c*. Sendo assim, prevalece a leitura de *ACM* e de todos os outros que apresentam a leitura *έβαπτίσαντο τοῦ νοός*.¹³

3.2 Passo interpretativo ou de conteúdo (evidência interna):

- a. *Lectio brevior potior*: Levando em consideração esse critério, a *lectio έβαπτίσαντο τοῦ νοός* tem toda probabilidade de ser original. É perceptível que *έβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* é mais extensa do que aquela.
- b. *Lectio difficilior potior*: De acordo com esse critério, a *lectio έβαπτίσαντο τοῦ νοός* parece evidenciar uma certa dificuldade por conta do emprego do verbo *βαπτίζω* (na voz média: *βαπτίζομαι*) regendo o *genitivus partitivus τοῦ νοός*. A oração *έβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* tende a minimizar a dificuldade, acrescentando um dativo locativo (*τῷ κρατῆρι*).

Em relação à fraseologia *έβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* – as palavras *τῷ κρατῆρι* constituem o adjunto adverbial locativo; e as palavras *τοῦ νοός* formam o adjunto adnominal que indica a posse de *τῷ κρατῆρι*. Essa leitura é facilitada pelo acréscimo de *τῷ κρατῆρι*, uma vez que batizar ou imergir pressupõe um lugar. Se, por um lado, sem *τῷ κρατῆρι*, a leitura se torna difícil por causa do genitivo *τοῦ νοός*, por outro lado, em geral, o dativo locativo, nos escritos herméticos, é regido

13. Sobre os manuscritos no capítulo 1 da presente pesquisa, ver (HORMAN, 1973, p. 6; SCOTT, 1985, v. 1, p. 22; REITZENSTEIN, 1922, p. 325).



pela preposição *ἐν*. O dativo locativo sem preposição é comum entre os poetas gregos, mas isso não ocorre da mesma forma na prosa: a preposição é geralmente requerida.¹⁴

No que diz respeito à *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* – *τοῦ νοός* é um *genitivus partitivus*. O genitivo partitivo denota o todo do qual uma palavra (substantivo ou pronome) ou uma ação (verbo) designa uma parte. Como objeto de um verbo, ele não só designa a parte de um todo, mas também pode fazer com que o verbo conote outra acepção. Por exemplo, os verbos *πληρώω* (cumprir, completar), *πίμπλημι* (completar, cumprir.), *μεστόω* (encher alguém ou algo), *γεμίζω* ou *γέμω* (encher algo), *περισσεύω* (abundar) e *βάπτω* (imersão), com o genitivo partitivo, denotam que algo está *cheio de alguma coisa*; mas também conotam que algo está *embebido, ensopado, empastado de alguma coisa*. Na fraseologia *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*, o verbo *βαπτίζω* (na voz média: *βαπτίζομαι*) assume a acepção de *encher-se, embeber-se, ensopar-se, encharcar-se* de *τοῦ νοός*. As palavras *τοῦ νοός* constituem os termos integrantes da oração, sendo objeto ou complemento do verbo *ἐβαπτίσαντο*.¹⁵

Segundo a avaliação dos critérios internos, a leitura *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* tende a ser mais difícil. Supondo que a acepção do verbo não fosse alterada, a tradução dessa leitura seria *batizaram-se de intelecto*. Acrescentando *τῷ κρατήρι*, ela é traduzida: *batizaram-se na cratera de intelecto*. Com o emprego de *τῷ κρατήρι*, como já foi visto, o genitivo *τοῦ νοός* passa a ter uma função de adjunto adnominal, qualificando *τῷ κρατήρι*, que, por sua vez, é um complemento circunstancial locativo. Tudo indica que o acréscimo de *τῷ κρατήρι* seja uma tentativa de eliminar, por meios conjecturais, a dificuldade causada pelo genitivo partitivo que se configura juntamente com o verbo *ἐβαπτίσαντο*, dando uma leitura mais harmonizada com a ideia de um *batismo de imersão*. Em suma, *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* era uma leitura que os copistas tomaram como a menos verossímil por ser uma *lectio difficilior*.¹⁶

Lectio quae alterius originem explicat potior: Por esse critério, através dos resultados obtidos pelos critérios da *lectio brevior* e *lectio difficilior*, pode-se afirmar que a leitura *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* explica como *ἐβαπτίσαντο τῷ κρατήρι τοῦ νοός* se originou.

No primeiro capítulo desta pesquisa, foi dito que os textos constantemente compilados apresentam tendências a vicissitudes. Ou seja, quanto mais o texto era compilado mais ele estava sujeito a se afastar do suposto texto original. Quanto mais um texto era submetido à compilação mais poderia se tornar ininteligível para um leitor em um contexto distante topologicamente e cronologicamente. Sendo assim, para que o texto tivesse algum tipo de utilidade em um contexto

14. Sobre o dat. loc., ver (RAGON, 2012, p. 185-193; BETTS, 2010, p. 13, p. 211; BETTS; HENRY, 2010, p. 14, p. 288, p. 293; CROSBY; SCHAEFFER, 2009, p. 10; BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 100, p. 107; FREIRE, 2001, p. 175; TAYLOR, 2001, p. 222-223; PERFEITO, 1997, p. 143; JAY, 1994, p. 30, p. 98; FOBES, 1959, p. 7, p. 154).

15. Sobre o genitivo partitivo e os verbos com significado de encher, ver (RAGON, 2012, p. 180-183; BETTS; HENRY, 2010, p. 385-286; BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 90-91, p. 95; FREIRE, 2001, p. 189, 196-197; FOBES, 1959, p. 151). Ver também as acepções *embeber, encharcar, ensopar, inundar* e *encher* dos verbos *βαπτίζω* e *βάπτω* em (RUSCONI, 2003, p. 93; MORWOOD; TAYLOR, 2002, p. 63; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 305-306; FOBES, 1959, p. 270). Kerchove afirma que *βαπτίζω* assume o lugar de *βάπτω*, (VAN DEN KERCHOVE, 2012, p. 302); Apostolides Sophocles traduz esse genitivo como locativo: *imersão na mente* (APOSTOLIDES SOPHOCLES, 1900, p. 297). André-Jean Festugière também sugere que a construção mais natural não fosse *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*, mas *ἐβαπτίσαντο < τὸ βάπτισμα > τοῦ νοός* (FESTUGIÈRE, 1938, p. 1, nota 3). Mas, essa sugestão de Festugière é baseada nas expressões e construções típicas do uso do NT. Sobre termos integrantes, ver (CEGALLA, 2008, p. 321-322, p. 348-356).

16. NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXII. A *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* também pode ser traduzida: *envolveram-se de intelecto*.



distante, seria necessário que ele tivesse um significado inteligível. Em busca da inteligibilidade, em um novo ambiente, o texto passou por uma adaptação. É justamente essa adaptação que compreende uma gama de acréscimos, comentários, anotações, cortes etc. (ROSSETTI, 2006, p. 96-97). Levando em consideração esses pressupostos, primeiramente, pode-se afirmar que *ἐβαπτίσαντο τῷ κρατῆρι τοῦ νοός* se origina de *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός*, porque essa é uma leitura mais difícil do que aquela. Segundo, o copista não deve ter entendido o sentido da fraseologia com aquele audacioso genitivo partitivo. Terceiro, o compilador não deve ter aceitado qualquer outro sentido para *βαπτίζω*, senão aquele que se cunhou, em seu contexto, como termo técnico-litúrgico da cristandade (batizar ou imergir), e, por isso, acrescentou *τῷ κρατῆρι*. No Novo Testamento, de setenta e seis (76) incidências do verbo *βαπτίζω*, nenhuma ocorre com genitivo partitivo (VAN DEN KERCHOVE, 2012, p. 302; METZGER, 1978, p. 14); mas é bastante comum que o verbo venha acompanhado da preposição *ἐν* (ou sem preposição) com dativo locativo ou instrumental, ou acompanhado da preposição *εἰς* regendo acusativo. Não há dúvida de que o copista teve a ideia de minimizar a dificuldade da fraseologia, acrescentando *τῷ κρατῆρι*, mas também levou em consideração uma interpretação cristã do uso neotestamentário para proceder à minimização da dificuldade. A dificuldade da leitura *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* tem maior probabilidade de ter originado o procedimento de inclusão de *τῷ κρατῆρι* do que o processo inverso.

Usus scribendi (o uso daquele que escreve): por esse uso, é possível verificar o estilo ou a linguagem própria do escritor, de sua época e do grupo social no qual está inserido o redator com seus usos idiomáticos. O verbo *βαπτίζω* incide, no *Corp. Herm.* IV, três vezes. Em cada uma das incidências, ele é empregado em orações com construções diferentes (VAN DEN KERCHOVE, 2012, p. 301-303, 312-313). Em nenhum dos dois outros casos ocorridos, houve o uso de genitivo partitivo com o verbo *βαπτίζω* (conotando *embeber-se*) nem mesmo em todo o *Corpus Hermeticum*. Mas a ocorrência, no *Corp. Herm.* IV, do verbo *βαπτίζω* (*embeber-se*) com genitivo partitivo é *sui generis*, porque alude a uma beberagem. De qualquer maneira, deve-se notar os demais casos em que ocorre esse verbo no *Corpus Hermeticum*:¹⁷

Corp. Herm. 4.4: *βάπτισον σεαυτήν ἢ δυναμένη εἰς τοῦτον τὸν κρατῆρα (megulha-te a ti mesmo na cratera, tu que podes).*

Corp. Herm. 4.6b: *Κάγώ βαπτισθῆναι βούλομαι, ὦ πάτερ (Eu também quero ser imerso, ó pai).*

Corp. Herm. 12.2: *ἡ τε λύπη καὶ ἡ ἡδονή, εἰς ἃς ἐμβᾶσα ἡ ψυχὴ βαπτίζεται (a tristeza e a luxúria, nas quais, a alma, tendo penetrado [no corpo], submerge-se).*

Segundo essas ocorrências, não há como saber qual das leituras (com o genitivo partitivo ou com o dativo locativo sem preposição), era mais original, visto que não há nenhum caso do verbo *βαπτίζω* com genitivo partitivo ou dativo locativo nas demais ocorrências no *Corpus Hermeticum*. Em nenhuma outra incidência, o verbo *βαπτίζω* conota *embeber-se*. Por isso, da mesma forma, não se pode encontrar o *genitivus partitivus*.

No *Korē Kosmou*, o verbo *βαπτίζω* aparece com dativo: *ὅτι δυνατὸν ταῦρον μὲν ἐν βυθῷ, ἐν δὲ ἀέρι χελώνην διαζῆν. εἰ δὴ τοῦτο πάσχουσι σαρκὶ καὶ αἵματι βεβαπτισμένοι (Porque, por um lado, é possível que um touro viva em um buraco; que uma tartaruga viva em lugar árido. Então, tendo se submergido com carne e sangue, [as almas] sofrem da mesma forma).* Embora se possa considerar

17. Em Platão, *βεβαπτισμένοι*, na frase *καὶ γὰρ αὐτός εἰμι τῶν χθῆς βεβαπτισμένων* (Pois, também, eu mesmo era [um] daqueles embriagados ontem), significa embriagados ou afogados na bebida. (PLATÃO, *Symposium*, 176b). Ver (PLATO, *Lysis, Symposium, Gorgias*. Edited by W.R.M. Lamb. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1925. v. 3. p. 176; LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 305-306; FESTUGIÈRE, 1938, p. 6). Sobre as ocorrências do verbo *βαπτίζω*, ver (DELATTE; GOVAERTS; DENOOZ, 1977, p. 32).



σαρκί και αἵματι como locativo, essa afirmação não pode ser consistente e inequívoca pelo *usus scribendi*, visto que a incidência do dativo locativo deveria ser regido pela preposição *ἐν*, como é atestado na oração anterior: *μὲν ἐν βυθῶ, ἐν δὲ ἀέρι*. É mais plausível que o dativo *σαρκί και αἵματι* constitua um complemento circunstancial de meio ou instrumento. Logo, esse exemplo não pode servir de apoio para o emprego de *τῷ κρατήρι*, exceto se esse também for considerado meio ou instrumento.¹⁸ Mas tudo indica que o copista deveria ter procedido à inclusão de *τῷ κρατήρι* como locativo. Como foi salientado anteriormente, amiúde, o dativo locativo, nos tratados herméticos, é regido pela a preposição *ἐν*. Dificilmente ele se apresenta sem preposição como nos poetas gregos. Sendo assim, pelo *usus scribendi*, as duas leituras não se enquadram nas demais incidências da palavra *βαπτίζω* no *Corpus Hermeticum*.

- c. *Lectio difformis a loco parallelo praestat conformi*: O emprego do dativo *τῷ κρατήρι* com o verbo *βαπτίζω* está mais próximo daquele que incide no *Korē Kosmou*, mas com as devidas precauções apontadas acima. Em todo caso, o *Excerptum XXV.8* não tem nenhum paralelo com o *Corp. Herm. IV.4*, mas, sim, com o *Corp. Herm. XII.2*, que trata da entrada da alma no corpo. Nenhuma das duas leituras estão em conformidade com o *Excerptum XXV.8*. Ao que tudo indica, a inclusão de *τῷ κρατήρι* foi conjectural justamente para tornar o texto melhor e mais inteligível. É característica de *N*, como já foi dito acima, conjecturar (NOCK; FESTUGIÈRE, 2011, t. 1, p. XXII-XXIII).
- d. *Conclusão*: Pela avaliação formal, por meio dos princípios externos, constatou-se que a *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* é melhor testemunhada, inclusive, pelos manuscritos mais antigos; e com a maior quantidade de atestação. Acerca da avaliação do conteúdo, através dos critérios internos, verificou-se que essa *lectio* é mais breve e mais difícil. Ademais, ela ajuda a explicar como e por quais razões se processou a inclusão de *τῷ κρατήρι* e a possibilidade de uma leitura mais fácil e harmonizada de acordo com o batismo cristão. Concernente aos resultados obtidos da avaliação formal e interna, conclui-se que a *lectio ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* tem maior probabilidade de ser a leitura original. O texto de *N.-F.* acertadamente faz a opção por essa leitura, apoiando-se na grande maioria dos manuscritos contra a variante defendida por *NB^C*. Por essa razão, diante das evidências externas e internas, acataremos a leitura proposta por Nock para a tradução do presente trabalho.

Em geral, o texto de *N.-F.* é bastante conservador em relação aos manuscritos. Isso é notório pelos códices que testemunham suas leituras. Ademais, conforme já foi mencionado anteriormente, o *Corp. Herm. 4* é moderadamente submetido à *corruptio*. Quanto à perícopo de *Corp. Herm. 4.3-6a*, Nock foi bastante cuidadoso, seguindo acuradamente os critérios externos e internos (idade, qualidade, quantidade dos manuscritos; dificuldade e brevidade das leituras) para avaliação dos testemunhos manuscriturísticos. Praticamente três passagens fizeram-no optar por conjecturas: *a)* a *lectio τισιν· ὁ γὰρ φθόνος* de Turnebus; *b)* a omissão de *οὐ* na frase *οὐ θαυμάζοντες* [οὐ] *τὰ θέας ἄξια*; *c)* a falta de conjectura ou testemunho adequado para *†ἐντορία†*. O texto que servirá como base para a tradução, na presente pesquisa, seguirá essas três sugestões

18. *Stobaei Hermetica, Excerptum XXV.8*. CORPUS, 2005, p. 1148; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 510. Sobre o dativo instrumental ou de meio, ver (RAGON, 2012, p. 187-188; BETTS, 2010, p. 13, p. 110-111; BETTS; HENRY, 2010, p. 131; CROSBY; SCHAEFFER, 2009, p. 44; BLASS; DEBRUNNER; FUNK, 2009, p. 103-105; FREIRE, 2001, p. 181; TAYLOR, 2001, p. 223-225; PERFEITO, 1997, p. 146; JAY, 1994, p. 31, p. 72; FOBES, 1959, p. 7, p. 153-154). Alguns tradutores vertem o dativo do *Excerptum XXV.8* como locativo. Ver as traduções (CORPUS, 2005, p. 1149; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 511).



de N.-F., inclusive, considerando a pontuação em *τισιν· ὁ γὰρ φθόνος* e omitindo o *οὐ* na frase *οὐ θαυμάζοντες [οὐ] τὰ θεᾶς ἄξια*. Quanto à tradução de *έντορία*, é conveniente traduzir por meios ou abundância (de *εὐπορία* – seguindo a sugestão de André-Jean Festugière, baseado na conjectura de Scott).¹⁹

3.3 Ordenação e determinação da unidade textual do Corpus Hermeticum 4. 3-6a:

Diante do que foi decodificado e avaliado na crítica textual, deve-se agora apresentar a configuração textual que servirá de base para a tradução e demais etapas metodológicas da análise filológica do *Corp. Herm.* 4.3-6a. Este texto seguirá três sugestões de N.-F.: a) a pontuação em *τισιν· ὁ γὰρ φθόνος*; b) a omissão de *οὐ* na frase *οὐ θαυμάζοντες [οὐ] τὰ θεᾶς ἄξια*; c) a permanência de *έντορία*, e sua tradução como *meios* ou *abundância* (de *εὐπορία* – seguindo a sugestão de Festugière e Scott). Ademais, preferir-se-á a leitura *καὶ ἐκέλευσεν αὐτῷ κηρύξαι ταῖς τῶν ἀνθρώπων καρδίαις τάδε*, embora a omissão de *κηρύξαι* seja justificável. Como já foi destacado, o propósito não é criar um novo texto crítico, mas basear-se no texto devidamente preparado por Arthur Darby Nock. As alterações realizadas no texto de N.-F. foram acima mencionadas de acordo com as informações que ele mesmo dá no *apparatus criticus*.

Depois de ter determinado a configuração da unidade textual, deve-se proceder ao reconhecimento das potencialidades axiológicas do *Corp. Herm.* IV.3-6a, isto é, o sentido dos fatos, dos usos e dos elementos básicos como valores literários implícitos que se consignam neste texto. Isso é diferente de um tratamento da crítica textual: enquanto a crítica textual busca ordenar e configurar os elementos textuais, os procedimentos dos valores potenciais analisam os elementos que constituem o texto. Porém, essa diferenciação é apenas do ponto de vista teórico, visto que a interação entre a crítica textual e as potencialidades axiológicas textuais, como momentos de investigação, seja, por assim dizer, estrutural. O espaço para essa sinergia é o processo de tradução (ROSSETTI, 2006, p. 243-247).

4 Conclusão

A tradução não depende apenas de um conhecimento lexical e gramatical morfossintático. Ela depende de uma competência para entender o pensamento filosófico-religioso que incide no *Corpus Hermeticum*. A tradução do *Corp. Herm.* 4.3-6a pode ajudar a se aproximar do texto como forma, mas as nuances de significados devem ser inteligíveis, porque, à primeira vista, pode-se defender uma ideia que o autor do texto não quis dizer.²⁰ Veja-se, por exemplo, algumas observações sobre os dilemas de pesquisadores a respeito das unidades de sentido quanto a este texto.

Na frase *mergulha-te a ti mesmo nessa cratera, tu que podes, tu que crês que subirás para o que tem enviado o vaso de mistura, tu que conheces por que vieste a ser*, o verbo *βαπτίζω* denota *submergir, imergir* ou *mergulhar*, mas também possui várias outras conotações: *encher, embeber, ensopar*,

19. A nota 16 em (CORPUS HERMETICUM, 2011, t. 1, p. 50-51; HERMETICA, 1985, v. 1, p. 152).

20. No que diz respeito à competência filosófica para a tradução, ver (ROSSETTI, 2006, p. 251).



encharcar, cobrir, inundar, alagar, embebedar, afogar na bebida; envolver-se (LIDDELL; SCOTT; JONES, 1996, p. 305-306.). No parágrafo 4, há duas ocorrências desse verbo. Foi mencionado que *ἐβαπτίσαντο τοῦ νοός* é traduzido como *embeberam-se do conhecimento (embriagaram-se de conhecimento)*. Porém, na fraseologia *βάπτισον σεαυτήν ἢ δυναμένη εἰς τοῦτον τὸν κρατήρα*, a palavra *βαπτίζω* carece de um sentido que deve ser averiguado, uma vez que estabelece uma relação com a palavra *κρατήρ* (*vaso de mistura*).

Segundo Walter Scott, a palavra *βαπτίζω* é empregada alegoricamente, embora seja traduzida por ele como *mergulhar*. Para Festugière, trata-se de um convite à embriaguez. Assim, *βαπτίζω* deveria ser traduzido como *embriagar*. Infelizmente, ele não leva adiante essa hipótese. Nilsson chega à conclusão de que esse verbo pode evocar a *mistura* ou o *embebedamento*. Daí se pressupõe que seu significado é *misturar* ou *embeber*.²¹ Não obstante, deve-se salientar que o sentido do verbo, nessas duas orações, não é o mesmo. No grego antigo, *κεράννυμι* e *μίγνυμι* eram termos largamente empregados para descrever a ação de *misturar*. Se o verbo *βαπτίζω* foi empregado com o significado daqueles dois verbos, conotaria *batizar como misturar vinho e água, ou leite e água, ou mesmo diluir uma coisa em outra*.

Referências

- APOSTOLIDES SOPHOCLES, Evangelinus. *Greek Lexicon of the Roman and Byzantine Periods* (from B. C. 146 to A. D. 1100). New York: Charles Scribner's Sons, 1900. 1188p.
- BETTS, Gavin. *Complete New Testament Greek*. 2. ed. London: Hodder and Stoughton; New York McGraw Hill, 2010. 292p. (Teach Yourself Books).
- BETTS, Gavin; HENRY, Alan. *Complete Ancient Greek*. 3. ed. London: Hodder and Stoughton; New York: McGraw Hill, 2010. 444p. [Teach Yourself Books].
- BLASS, Friedrich; DEBRUNNER, Albert; FUNK, Robert Walter. *A Greek grammar of the New Testament and other early Christian literature*. 20. print. ed. 1961. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2009. 325p.
- CEGALLA, Domingo Paschoal. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008. 696p.
- COPENHAVER, Brian P. Introduction. In: HERMETICA: The Greek Corpus Hermeticum and the Latin Asclepius in a New English Translation, with Notes and Introduction – Brian P. Copenhagen. New York: Cambridge University Press, 2000. p. xiii-lxi.
- CORPUS Hermeticum*. Edizione e commento di A. D. NOCK e A.-J. Festugière. Edizione dei testi ermetici coptici comment di Ilaria Ramelli. Testogreco, latino e copto a fronte. Milano: Bompiani. Il pensiero occidentale, 2005. 1627p.
- CROSBY, Henry Lamar; SCHAEFFER, John Nevin. *An Introduction to Greek*. Mineola; New York: Dover, 2009. 349p.
- DELATTE, L.; GOVAERTS, S.; DENOOZ, J. *Index du Corpus Hermeticum*. Roma: Edizioni dell'Ateneo e Bizzari, 1977. 359p. [Lessico Intellettuale Europeo, 13].

21. HERMETICA, 1985, v. 1, p. 150; SCOTT, 1985, v. 2, p. 140; FESTUGIÈRE, 1938, p. 2-12; NILSSON, 1958, p. 57-58.



- DODD, Charles Harold. *The Interpretation of the Fourth Gospel*. Reprinted Paperback Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2005 [1970]. 478p.
- FESTUGIÈRE, A. J. Hermetica: Le Baptême dans le Cratère C. H., IV, 3-4. *The Harvard Theological Review*, Cambridge (MA): Published by Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School, v. 31, issue n. 1, Jan. 1938, p. 1-20.
- FOBES, Francis H. *Philosophical Greek: An Introduction*. Chicago: The University of Chicago Press, 1959. 321p.
- FOWDEN, Garth. *The Egyptian Hermes: A Historical Approach to Late Pagan Mind*. Princeton: Princeton University Press, 1993. 244p.
- FREIRE, Antônio, S. J. *Gramática Grega*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 289p.
- GRANT, Robert M.; NOCK, Arthur Darby. In: JONES, Lindsay (ed.). *Encyclopedia of Religion*. 2. ed. Detroit: Macmillan Reference, 2005. v. 10, p. 6643-6644.
- GRESE, William C. *Corpus Hermeticum XIII and Early Christian Literature*. Leiden: Brill Archive, 1979. 228p.
- HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A. D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. 2t. 404p. [Collection des Universités de France].
- HERMETICA*: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1. 549p.
- HORMAN, John F. *The text of the Hermetic Literature and the Tendencies of its Major Collections*. Hamilton: Mc Master University, nov. 1973. 349p. [A Dissertation Submitted to the Scholl of Graduate Studies in Partial Fulfillment of the Requeriments for the Degree Doctor of Philosophy].
- JAY, Eric G. *New Testament Greek: An Introductory Grammar*. 14. impr. London: SPCK (Society for Promoting Christian Knowledge), 1994 (1958 e corr. em 1987). 350p.
- LIDDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A Greek-English lexicon*. Revised and Augment by Henry Stuart Jones with the Assistance of the Roderick McKenzie with the Cooperation of many scholars. With Revised Supplement. Oxford: At the Clarendon Press, 1996.
- METZGER, Bruce M. *Lexical Aids for Students of New Testament Greek*. New Edition. Princeton: Theological Book Agency, 1978. 100p.
- MIRANDA POZA, José Alberto. *Apontamentos de linguística histórica: ensaios de filologia românica e filologia clássica*. Recife: UFPE, 2019. 216p.
- MORWOOD, James; TAYLOR, John (eds.). *Pocket Oxford Classical Greek Dictionary*. Great-Bretain: Oxford University Press, 2002. xii, 449p.
- NILSSON, Martin P. Krater. *The Harvard Theological Review*, Cambridge (MA): Published by Cambridge University Press on behalf of the Harvard Divinity School, v. 51, n. 2, Apr. 1958, p. 53-58.
- NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. Apparat Critique. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A. D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 1 e 2.



- NOCK, Arthur Darby; FESTUGIÈRE, André-Jean. Préface et Introduction. In: HERMÈS TRISMÉGISTE. *Corpus Hermeticum*. Texte établi par A.D. Nock et traduit par A.-J. Festugière. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 2011. t. 1 e 2, p. I-LIII, 259-295.
- PERFEITO, Abílio Alves. *Gramática de Grego*. 7. ed. Porto: Porto Editora, 1997. 167p.
- PLATO. *Lysis, Symposium, Gorgias*. Edited by W.R.M. Lamb. Cambridge (MA); London: Harvard University Press, 1925. v. 3. 536p. (Loeb Classical Library).
- RAGON, E. *Gramática grega*. Inteiramente reformulada por A. Dain, J.-A. de Foucault, P. Poulain. Tradução de Cecília Bartalotti. São Paulo: Odysseus, 2012. 331p.
- REITZENSTEIN, Richard. *Poimandres: Studien zur Griechisch-Ägyptischen und frühchristlichen Literatur*. Unveränderter anastatischer nachdruck. Leipzig: B.G. Teubner, 1922. 382p.
- ROSSETTI, Livio. *Introdução à Filosofia Antiga: premissas filológicas e outras "ferramentas de trabalho"*. São Paulo: Paulus, 2006. 440p.
- RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. 540p.
- SCHIAVONE, Valeria. *Natura e Origini del Corpus Hermeticum*. In: ERMETO TRISMEGISTO. *Corpus Hermeticum: testo greco e latino a fronte*. Introduzione, traduzione e note (a cura) di Valeria Schiavone. 3. ed. Itália: BUR (Biblioteca Universale Rizzoli), 2006. p. 5-52.
- SCOTT, Walter. *Introdução*. In: *HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Introductions, texts and translation edited and translation by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 1. p. 1-111.
- SCOTT, Walter. *Notes on the Corpus Hermeticum*. In: *HERMETICA: the ancient Greek and Latin writings which contain religious or philosophical teachings ascribed to Hermes Trismegistus*. Volume II: Notes on the Corpus Hermeticum by Walter Scott. Boston: Shambala Publications, 1985. v. 2. p. 1-482.
- SILVA, José Pereira da. O Método em Filologia. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, ano 17, n. 50, p. 91-112, set.-dez. 2011.
- SOULEN, Richard N. *Handbook of Biblical criticism*. 2nd ed. Atlanta: John Knox Press, 1981. 239p.
- TAYLOR, William Carey. *Introdução ao Estudo do Novo Testamento Grego*. São Paulo: Batista Regular, 2001. 442p. [Esta edição é uma reprodução da 9. ed. publicada em 1990 pela Junta de Educação Religiosa e Publicações (JUERP)].
- VAN DEN BROEK, Roelof. Hermetic Literature I: Antiquity. In: HANEGRAAFF, Wouter J. (Ed.). *Dictionary of Gnosis And Western Esotericism*. Leiden; Boston: Brill, 2006. p. 487-498.
- VAN DEN KERCHOVE, Anna. *La voie d'Hermès: Pratiques rituelles et traités hermétiques*. Leiden; Boston: Brill Academic Pub, 2012. 440p.

